

## **A DIDÁTICA AFROREFERENCIADA ENTRA NA RODA: EXPERIÊNCIAS COM EJA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Maria Kellynia Farias Alves<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa que trata das reflexões surgidas nas experiências de formação de professores de EJA, visando elaborar estratégias para fortalecer a implementação da Lei 10.639/03 no âmbito do Projovem Urbano, na perspectiva da pretagogia, da literatura oral afrodescendente e da produção didática. Dados revelam que a maioria dos alunos na EJA, em particular os de programas como o Projovem Urbano, se auto-afirmam negros. No entanto o tema é tratado de maneira fragmentada, em especial nesta modalidade. Os sujeitos da pesquisa foram os estudantes e professores do Projovem Urbano de escolas de Fortaleza e um grupo de estudantes da graduação em Pedagogia-UFC. O referencial teórico que guiou nossas reflexões tem como base a produção de Petit;Silva (2011), Petit(2015), Cunha (2010), Gomes(2012, 2003), Munanga(2010,2000), Silva(2003), Oliveira (2005, 2003, 2008), dentre outros. A metodologia teve inspiração sociopoética com os círculos de cultura sociopoetizados (tema gerador resistência negra) e a pretagogia. Conclui-se que a didática afroreferenciada se ampara nos princípios e pressupostos da cosmovisão africana e afrodescendente, podendo contribuir para a reinvenção do currículo e didática na EJA.

**Palavras-chave:** Didática Afroreferenciada. Educação de Jovens e Adultos. Formação de Professores.

### **PARA COMEÇO DE CONVERSA: JUVENTUDE NEGRA NO PROJOVEM**

Nossa sociedade é atravessada por diversas desigualdades que afetam as trajetórias históricas e sociais dos sujeitos. A concentração de riquezas, o analfabetismo, a violência são questões sociais que tem seu berço no racismo estrutural e na falácia da democracia racial para naturalizar os lugares de subalternização de alguns grupos étnicos, tais como negros e indígenas.

Dentro de universo das desigualdades, os afrodescendentes têm sido o grupo que mais sofre os impactos desse processo que foi institucionalmente naturalizado por práticas, currículos e políticas públicas. Quando nos debruçamos sobre os diferentes recortes (etário, etnia, gênero), temos um retrato de como as práticas racistas foram utilizadas para tornar esses grupos os culpados pelo seu fracasso e responsáveis por não

---

<sup>1</sup>UFC - kellynia\_farias@yahoro.com.br

aproveitar as benesses que o sistema os oferece. Neste universo, a juventude negra se encontra como um dos seguimentos que são afetados põe tais práticas e concepções que foram naturalizadas nas relações sociais e institucionais ao longo de nossa história.

Os/as jovens negros/as que estão mais expostos às conseqüências desse processo violento, que se materializa seja nos altos índices de mortalidade juvenil, de evasão escolar ou de exploração do trabalho precarizado. Mas também são pessoas que tem contribuído para a reelaboração e reinvenção das formas de resistências inspiradas na ancestralidade de matriz africana que se transforma sem perder suas raízes.

Dados da coordenação municipal do Projovem Urbano em Fortaleza, apontaram que desde 2005 mais de 12.000 jovens se matricularam no programa. Em 2013, a matrícula chegou a 5.000 jovens inscritos nas cinco secretarias regionais de Fortaleza, sendo que as regionais I e V concentravam o maior percentual de matrículas. A pesquisa Retratos da Fortaleza Jovem, realizada no ano de 2007 pela Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF), revelou que 70 % dos jovens atendidos pelos programas da PMF são negros/as. No Projovem, 68% se afirmam negros (pretos ou pardos) conforme dados da Coordenação Nacional do Projovem.

O aporte metodológico teve a Sociopoética como inspiração, visto que é uma maneira de experimentar a pesquisa em sua abordagem coletiva e com múltiplas linguagens artísticas. Foi escolhido o dispositivo dos Círculos de Cultura Sociopoéticos, no qual o grupo-pesquisador foi composto por co-pesquisadores, estudantes e professores do Projovem Urbano e estudantes da disciplina Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos do Curso de Pedagogia-UFC.

### **ENTRAR NA RODA: PERMITIR O ENCONTRO COM A DIDÁTICA**

Entrar na roda é permitir-se o encontro com os outros e consigo. Com o corpo respondendo aos tambores os brincantes conversam entre si e partilham seus repertórios corporais. Deixar a saia rodar na formação de professores, é permitir a integração entre ritmo, corpo e conhecimento, inspirando-se nos valores ancestrais diaspóricos para pensar o cotidiano escolar.

Nas muitas experimentações pedagógicas que tenho vivenciado, percebo que as possibilidades de criação nas africanidades são muitas: didáticas afroreferenciadas que podem ser de influência bantu, yorubá, Jeje, afrodescendentes, afrodiaspóricas de modo geral. Estas influências presentes na história, memória e vida de tantos brasileiros,

não precisam necessariamente reproduzir os valores e olhares já esgarçados pela imposição de um euroentrismo forjado nos moldes do colonialismo do ser e do saber.

A Resolução CNE/CP 1/2004 orienta as Instituições que atuam na área de formação inicial e continuada de docentes a organizar suas propostas curriculares respondendo a obrigatoriedade da inclusão dos conteúdos e ações relativos ao Ensino da Cultura e História. A educação das relações étnico-raciais na escola se caracteriza como uma das estratégias de superação das desigualdades raciais e formalização de ações afirmativas, sendo de especial relevância para o povo brasileiro. Assim não cabem improvisos, mas é o que estamos vendo à todo momento nas conversas com colegas que estão em sala de aula.

Nesse sentido, as proposições das didáticas afroreferenciadas ou afrodescendentes contribuem para a efetivação da Lei 10.639/03 na perspectiva de uma abordagem pedagógica afro-brasileira. Abordagens pedagógicas fundadas na cosmovisão e na tradição oral africana representam a introdução ao pensamento africano e afrodescendente na dimensão filosófico-cultural que tem respondido a esta necessidade.

Como pensar as bases de ação de formação continuada de professores nesta perspectiva, já que os currículos ainda apresentam desafios em sua efetivação e elaboração? Teremos que nos voltar aos processos históricos que consolidaram os currículos. Compreender a historicidade dos conteúdos requer repensar as ações curriculares, refletindo sobre qual visão de mundo representam e seu impacto no desenvolvimento de crianças, jovens e adultos negros e não negros, bem como a relação consigo mesmo e com o mundo. Ao permanecer alimentando a invisibilidade ou superficialidade às temáticas relevantes à maioria da população brasileira, que é negra, não estaria perpetuando as violências num ciclo de preconceitos que fere cotidianamente estudantes negros/as em nossas escolas?

Azoilda Trindade trata do preconceito e desta “dificuldade” de perceber os corpos negros em determinados espaços, inclusive os escolares e suas consequências para as crianças, adolescentes e jovens negros/as:

(...)a gente olha mas vê, a gente vê mas não percebe, a gente sente, mas não ama e, se a gente não ama a criança, a vida que ela representa, as infinitas possibilidades de manifestação dessa vida que ela traz, a gente não investe nessa vida, a gente não educa e se a gente não educa, no espaço/tempo de

educar, a gente mata, ou melhor, a gente não educa para a vida; a gente educa para morte das infinitas possibilidades. A gente educa(...)para uma morte em vida: a invisibilidade. (TRINDADE, 2000, p.9)

Essa relação que se perpetua em diferentes espaços escolares e não escolares marcando profundamente as vidas das pessoas, gerando efeitos que podem ser mascarados como indisciplina, baixo rendimento escolar, abandono, dentre outros. Por isso que se faz necessária uma escola, um currículo e uma didática fundados na compreensão da afrodescendência para que assim, tornarem-se capazes de reformular-se, reinventar-se e tornarem-se processos formativos baseados nos princípios da Cosmovisão Africana e da tradição oral, efetivando-se no viés da descolonialidade (QUIJANO, 2007; GOMES, 2012). Esse caminho promove a ruptura dos valores e sentidos que reproduziram os preconceito e o racismo.

Um dos maiores desafios que os professores relatam na minha experiência como coordenadora é a transposição didática e a efetivação dos princípios de ação-reflexão-ação. Muitos citam a dificuldade de aproximação teoria e prática, onde os conteúdos de ensino estão/aparentam distanciamentos das práticas sociais. Daí a necessidade da formação na perspectiva da experiência. Repensar os modelos convencionais do ensino bancário que enfatiza a reprodução para, ao invés disso, favorecer a (re)criação e produção da educação voltada para a diversidade.

Assim, o conhecimento transforma e é transformado. A ancestralidade não está congelada em um tempo específico, presa em um tempo passado e distante do que é vivido hoje. (ROSA, 2012; OLIVEIRA, 2010). Os saberes mudaram mantendo um pé no passado e outro presente, como quem prepara para uma ginga, uma negaça<sup>1</sup>. As aprendizagens surgidas a partir destes pilares têm demonstrado avanços na percepção e construção de novas relações étnico-raciais, que transitam desde um posicionamento político, quanto ao pertencimento étnico e a percepção do tempo e demais relações. A relação com a memória e os antepassados, muito presente na tradição oral africana se modifica, reconhecendo os ciclos da vida e a fluidez do tempo em um referencial que difere das tradições eurocentradas, ensinadas em diferentes espaços educativos.

Assim, ao trazer para a sala de aula as aprendizagens nas africanidades através da discussão sobre os cabelos afros, os mitos, a culinária de forma prática, a

---

<sup>1</sup> A palavra negaça possui vários sentidos tais como engodo, isca, provocar alguém, não aceitação ou recusa. Na capoeira a negaça tem o papel de jogo corporal no qual o capoeirista sugere uma ação ou não uma forma de atrair ou não ou outro capoeirista.

musicalidade diaspórica e de resistência é possível tocar os estudantes de maneira significativa.

A formação afrorreferenciada é capaz de interferir e direcionar de maneira positiva as relações étnico-raciais, promovendo o respeito e a ruptura de atitudes preconceituosas naturalizados no racismo estrutural brasileiro.

O racismo estrutural mantém o negro distante dos lugares de prestígio da sociedade, engessa sua mobilidade social e o condena a viver em espaços de menos-vida como é a marginalidade, o desprezo por seu corpo e saúde, a redução de sua cultura ao folclore, a não-legitimação de seu conhecimento originário, o não reconhecimento da participação do afrodescendente na construção do Brasil. (OLIVEIRA, 2008, p. 273)

Diante de uma sociedade em que o racismo estrutural ainda é naturalizado no interior das relações sociais e institucionais, é necessário (re)significar relações de saberes e poderes. Ao discutir as relações de pertencimento e o lugar social historicamente atribuído ao negro, assume uma postura afirmativa valorizando a “importância da matriz africana para a constituição da pessoa” (SILVA; PETIT, 2011, p. 87).

Por isso é pertinente trazer essa reflexão na Pedagogia, pois a função social da escola e as formas de efetivá-la estão entre suas preocupações. Para Pimenta, a pedagogia é capaz de articular os diferentes discursos das ciências da educação, ressignificando-os no confronto com as “práticas da educação ante aos problemas colocados pela prática social da educação (2010, p.35).” Essa pedagogia busca a efetivação de uma formação intercultural e anti-racista que valorize os constructos da cultura africana e afrodescendente através das opções teórico-metodológicas que se constroem como referencial epistemológico afrodescendente.

As aprendizagens surgidas a partir de uma didática afroreferenciada representam a descolonialidade do conhecimento, partindo de outros paradigmas epistêmicos que não privilegiam apenas o saber de herança eurocêntrica. Não é substituir apenas um referencial por outro, trata-se da recriação permanente inspirada nos valores civilizatórios dos africanos e afrodescendentes.

A produção de saberes fortalece a expressão dessa pedagogia que valoriza os diferentes pertencimentos étnicos, superando os efeitos do racismo nas relações sociais no Brasil. Um dos caminhos para ultrapassarmos os limites está na garantia de formações, pesquisas e produção de material didático-pedagógico que tragam em sua

essência a compreensão da diversidade das trajetórias históricas constituídas. (CUNHA Jr., 2009).

## **PRINCÍPIOS E INSPIRAÇÕES DA DIDÁTICA AFROREFERENCIADA NA PESQUISA**

No contato com a natureza é possível aprender/partilhar/ensinar através de experiências condizentes com as referências de matriz africana e as expressões da cultura na diáspora. Assim se possibilitada uma proposta educativa que seja transmitida pelo corpo, pela ancestralidade, pela cultura, pela estética africana e pela tradição oral.

A mudança para um referencial afro leva-nos para outros caminhos, que “de dentro pra fora”, estabelece um “*novo continente epistemológico, composto por uma bacia semântica que alimenta uma nova didática (...)*” (LUZ e LUZ, 2012, p.106). Essa bacia semântica inspira novos procedimentos, pressupostos e princípios para essa didática que busca se empretecer. São fundamentos filosóficos, sociais e políticos que orientam os percursos de cada didática, influenciando os currículos e práticas pedagógicas.

Em busca de efetivar essa proposta e nos alimentar em outros referenciais, toma-se o caminho dos saberes que herdamos na cosmovisão africana que “reflete concepção de universo, de tempo e de mundo” (OLIVEIRA, 2003, p.71). Ela corresponde ao arcabouço filosófico presente nas tradições africanas e afrodescendentes, sendo um complexo sistema de sentidos e valores que media as relações entre os indivíduos, a comunidade, ancestralidade e a realidade.

O fluxo do tempo é dinâmico em um sentido não linear. O passado comunica o presente e o futuro é um porvir que se elabora nesse movimento. Esse sistema tem na cultura “o manto” que cobre todas essas relações. Pois como Oliveira afirma:

a cultura é com efeito, manto que cobre as ações humanas. Nesse sentido o conjunto real é de signos significado e ressignificados pela sociedade que o produzem, sendo semiótica a cultura não é essencial. Ou seja, ela é contingencial e dinâmica e não estática e não formal. (OLIVEIRA, 2006, p. 81-82)

Neste sentido, não se apresenta cisões entre corpo/mente, pois o corpo é fonte de ligação entre os mundos, sendo anúncio da memória ancestral por meio das práticas de danças, sejam nos espaços sagrados (terreiros) ou profanos (festividades). Mas

ambos resguardam a força vital que é dada pelo ser supremo, por isso dançar pode ser rezar ou se divertir.

Essa memória ancestral se reelabora e fortalece na tradição oral africana que carrega consigo uma teia de sentidos, superando a compreensão ocidental de oralidade como restrita à informalidade. É um ato social/histórico/espiritual que se reelabora no contexto das interações de homens e mulheres consigo e com o universo, é um ato individual e coletivo, pois não é limitado ao ser humano como exclusivo emissor, assim:

(...) a fala, exteriorização das vibrações das forças, toda manifestação de uma força, seja qual for a forma que assuma, deve ser considerada como fala. É por isso que no universo tudo fala: tudo é fala que ganhou corpo e forma. (HAMPÁTÊ- BÂ, 1982, p. 184)

A tradição oral africana mais que um conteúdo, é uma escolha epistemológica. Conforme Hampaté Bâ ela é “a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos” (1982, p.183). Valoriza o conhecimento que é transmitido pela oralidade, em suas diferentes formas de expressão da fala e da vibração da natureza e as diversas linguagens (SILVA & PETIT, 2011, p.85). Essa tradição oral abrange além da verbalização, pela transmissão das lendas, mitos e relatos históricos, todas as expressões do corpo e dos instrumentos musicais. As aprendizagens tratadas na tradição oral atravessam as diferentes experiências e espaços na pesquisa, transmitem outra temporalidade que remete aos ancestrais, rompendo com o pensamento linear.

## **A PRETAGOGIA E AS REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA**

Essas escolhas epistemológicas que irão guiar os princípios, pressupostos e procedimentos dessa didática, que seja afroreferenciada, precisa de outros gatilhos para a construção desses saberes que acolham a diversidade de conhecimentos e afro-valores, por isso, a pretagogia tem importante papel nesse processo. Esse é um teórico-metodológico construído pela Professora Sandra Haydée Petit junto com suas orientandas Geranilde Costa e Silva (2011) e Rebeca Alcântara e Silva Meijer em suas pesquisas e intervenções pedagógicas no chão da escola e na formação de professoras/es que:

“(...) se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana, o que significa dizer que estamos amparados em um modo particular de ser e estar no mundo. (...), propondo buscar (...) as bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, na Mãe África,” bem como as experiências corporais. (PETIT, SILVA, 2011, p. 82).

A pretagogia como referencial teórico-metodológico, tem nos valores e saberes afroreferenciados como elementos aglutinadores/condutores nas experiências de ensino-aprendizagem. A pretagogia prioriza a experiência de si e de outros/as no mundo através do autorreconhecimento e dos valores das culturas africanas, articulando-os à transdisciplinaridade e à transposição didática, de forma que os saberes/conhecimentos ginguem entre si e produzam novas práticas, num fluxo constante, enlaçadas pela circularidade. Dessa forma, precisa repensar os modelos convencionais do ensino bancário que enfatiza a reprodução para, ao invés disso, favorecer a (re)criação e produção da educação voltada para a diversidade.

Pertencimento afro é um conceito que traz as marcas da linhagem, as histórias e memórias importantes para discussão do lugar social do negro e a ancestralidade. Assim há uma necessidade de voltar a diáspora negra, de “voltar para a raiz, pois quem não está na raiz não se sente bem” (PETIT, 2009, p.8). Esse retorno está expresso nos marcadores culturais que são presentes na culinária, nas tecnologias, nas histórias, no linguajar, nas tradições familiares, nas curas e práticas de saúde. É a diáspora negra, uma nova mecânica cultural e histórica do pertencimento negro que articula laços entre pessoas e lugares, mudando as relações com os territórios.

Na pretagogia os saberes e conceitos da cosmovisão africana assumem um método que se organiza coletivamente, sofrendo a influência da prática para repensar os processos educativos para professores e estudantes. Pode-se conceituá-la como exemplo de uma ressignificação epistemológica, pois toma a “prática dos educadores como referência e busca nessa prática os significados construídos pelos sujeitos” (PIMENTA, 2010, p. 35). Neste caso, tais significados são fortemente marcados pelo conceito de africanidades, pois nela nos comunicamos com essa herança cultural africana que consegue estar presente no cotidiano de negros e não-negros.

Os marcadores das africanidades referem-se àquilo que nos permite identificar uma conexão histórico-cultural com a África. São marcas daquilo que nos conecta, desde membros da nossa linhagem, práticas religiosas e espirituais, artísticas, de saúde, culinárias, arquiteturas, presentes no cotidiano de todos os brasileiros. Enfim, essas práticas culturais em geral, incluindo festividades de todo o tipo, artefatos, marcas de territórios investidos por negros/as (quilombos, terreiros, locais de festa etc), histórias compartilhadas tanto de resistência (todo tipo de lutas históricas e de comportamentos que exibimos) como de subalternidade forçada, fenômenos que atingem os africanos e



os afrodiaspóricos como as práticas de desvalorização motivadas pela recente história (racismo, discriminação, preconceito).

Na pesquisa de mestrado desenvolvida com jovens do Projovem, professores e universitário (ALVES,2015) teve como tema gerador a resistência negra, os pressupostos e procedimentos afrorreferenciados demonstravam a potência e ressignificar a didática, horizontalizando as relações de produção de conhecimento. Nisso, usou-se a técnica dos baobás, como uma das formas de articulação com o tema.

Os baobás da ancestralidade e os marcadores das africanidades contribuíram para as reflexões e produção de conceitos. Cada grupo criou seu baobá deu a ele um nome, citam-se: a)Baobá com baobazinho; b)Baobá da família; c) Baobá das mãos; d)Baobá da gente. Essas árvores revelaram histórias de negação, de afirmação, elementos da cultura e sobre a relação que tinham com a resistência negra e seu pertencimento afro.

Os marcadores das africanidades impulsionaram essa aproximação dos co-pesquisadores com as africanidades, como se as narrativas de vida fossem trançadas cuidadosamente com os temas históricos, culturais e familiares que eram acessados. E assim, a ancestralidade e a resistência negra foram trazidas para a pesquisa por meio de baobás que brotavam regados por memórias, músicas e danças.

Dos frutos desses baobás, destaco devir escola-resistência. Esse achado importante para o Projovem propôs que a escola assumisse uma postura de movimento resistência que se opõe a educação discriminadora e excludente. Um contraponto a esta escola que perpetua a subalternização de estudantes negros/as. Além disso, pertencimento afro foi um devir que se apresentou como um inédito na pesquisa, visto que as discussões e materiais que as instigaram não tratavam diretamente disto. Assim, apareceu a identidade como algo diferente de individuação, e mais como subjetividade coletiva.

Por fim, a didática aforreferenciada sob o enfoque da Pretagogia, gerou a reflexão de que é possível a ressignificação dos espaços-tempos formativos para uma relação de implicação dos sujeitos, nos quais suas trajetórias e vivências são fontes de inspiração para a construção dos saberes curriculares. Aprendemos e acreditamos que esses corpos e árvores afroancestrais que se encontraram, promovem pertencimento afro, através os reencontros com a cultura e os ancestrais, revistando o tempo todo à

Mãe África, assumindo uma postura de escola que abandona a discriminação e assume uma didática antirracista e de mais vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAMPATE BÂ, A. - "A tradição viva". História Geral da África: Metodologia e pre-história da África. São Paulo: Atica; [Paris]: UNESCO, 1982. Páginas 181-218

MUNANGA, Kabengele: **O que é Africanidade?** In: Revista Biblioteca Entrelivros – Vozes da África. São Paulo, Duetto, edição especial n. 6, p. 8-13, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente.** Fortaleza: LCR, 2006, 188 p.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos e CAVALLET. Docência no ensino superior: construindo caminhos. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Unesp, 2003

PETIT, Sandra Haydée. **Pertencimento Corpo-Dança Afro Ancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professores e Professoras - contribuições do legado africano para a implementação da Lei 10.639/2003.** Fortaleza: EdUECE, 2015.

PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa. Pretagogia: Referencial Teórico-Metodológico para o ensino da História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes. In: **Artefatos da Cultura Negra no Ceará.** CUNHA Jr, Henrique, SILVA, Joselina da e NUNES, Cícera (orgs.)- Fortaleza: Edições UFC, 2011.

TRINDADE, A. L. (2000). Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar. In: TRINDADE, A. L. & SANTOS, R. (orgs). **Multiculturalismo: mil e uma faces da escola.** Rio de Janeiro: DP & A, p. 7-16.